

Dívida é o principal tema da conferência de Londres

Londres — A crise de endividamento dos países latino-americanos foi escolhida como tema principal do encontro de cúpula que as sete nações industrializadas ocidentais iniciam hoje, no salão de convenções de Lancaster, na Capital inglesa. Mesmo sem a iniciativa dos sete latino-americanos endividados — cuja nota pedindo atenção ao seu problema foi entregue ontem oficialmente também ao Governo britânico, anfitrião do encontro de cúpula — até o Presidente Ronald Reagan manifestava-se disposto a abordar as queixas dos demais participantes sobre o déficit público norte-americano e suas consequências para a alta das taxas de juro.

A nota dos sete endividados foi recebida por um alto funcionário ministerial londrino, ontem, com idênticas manifestações de “compreensão” e “interesse” que embaixadores do Brasil, Argentina, Peru, Colômbia, México, Equador e Venezuela verificaram em outras capitais européias, onde o documento também foi entregue.

Dia D

Ao contrário da Alemanha, onde diplomatas diziam que o Governo de Bonn pretendia interceder a favor de melhores condições de pagamento de juros para os endividados, em Londres os mesmos funcionários que receberam a nota dos sete preferiam atribuir à Primeira-Ministra Margaret Thatcher a função de comentar o problema nas entrevistas que concederá à imprensa, a partir de sexta-feira.

Com exceção óbvia de alemães, japoneses e italianos, que só começam a chegar hoje à Inglaterra, os demais Chefes de Estado ocidentais estavam ontem totalmente envolvidos nas pomposas cerimônias de comemoração do 40º aniversário da invasão da Normandia. Dedicados a brindar emoções históricas, tiveram pouco tempo para fazer declarações sobre taxas e juros ou abertura de mercados.

Entre os **sherpas** (apelido dado aos funcionários de segundo escalão encarregados da preparação do encontro) há, contudo, poucas esperanças de que o encontro de cúpula leve a qualquer resultado concreto. A delegação americana, por exemplo — preocupada também com a imagem do Presidente em ano eleitoral — vem insistindo em que o tempo à disposição dos Chefes de Governo e Estado seja utilizado para discussões, sem a preocupação de publicar, ao final, um comunicado com pontos específicos.

O vilão

Um dos **sherpas** alemães vai ao ponto de dizer que a necessidade pública de

mostrar harmonia e criar um bom clima para a recuperação da economia mundial não deixa margem de manobra para discutir a fundo a questão da dívida externa dos latino-americanos. O mesmo funcionário lembrou o recente discurso do Secretário do Tesouro norte-americano, Donald Regan, na conferência da OCDE, na qual mostrou-se irritado com as “lamúrias” européias sobre o déficit público americano, dizendo que suas dimensões e efeitos vêm sendo exagerados.

O mesmo informante disse que em quatro reuniões preparatórias ficou clara a necessidade de discutir a crise do endividamento, mas ninguém surgiu com receitas ou soluções para abrandá-la. O mesmo ocorre com os juros americanos, até agora o indiscutível vilão no caminho da prosperidade econômica geral, na opinião de todos os outros participantes. Apesar de repetidas declarações públicas de Helmut Kohl, Margaret Thatcher e François Mitterrand, os **sherpas** não acreditam que os americanos possam ser convencidos a mudar de rumo durante o encontro de cúpula.

Para compensar as severas críticas ao “provincianismo” do encontro que sediará em 1977, desta vez os ingleses cuidaram para que muita pompa e brilho cercasse a reunião dos ricos. A Lancaster House é um salão de convenções nobre, do Século XIX, onde Chopin uma vez tocava peças ao piano para a Rainha Vitória. É na Sala de Música, aliás, que os Chefes de Estados dos ricos terão de acertar o compasso.

Uma verdadeira paranóia de segurança, contudo, manterá os líderes ocidentais totalmente isolados. O salão de conferências fica do outro lado da Cidade em relação ao centro de imprensa, no qual os ingleses procuraram compensar a enorme distância física em relação aos Chefes de Governo e Estado, instalando uma fabulosa parafernália de eletrônica e informática, incluindo circuitos fechados de televisão, computadores que só faltam falar e sistemas exclusivos de transmissão de dados e informações.

Nem o fato de a comida e bebida serem totalmente de graça apaziguou os 2 mil repórteres credenciados para cobrir o evento. O centro de imprensa só pode começar a funcionar hoje. Até ontem, estava alugado a um rico hindu, que ali promovia uma festa de casamento. A mania de segurança mantém secretos até os nomes dos hotéis onde ficarão as delegações, embora todo jornalista conheça quais são as preferências.